

PERCEPÇÃO DO CORPO COMO EXPRESSÃO DO SER: uma visão através do cuidado de enfermagem

[Perceiving body as an expression of being: a vision focusing nursing care]

Maria da Glória Santana*

RESUMO: Reflexão sobre o corpo, enquanto percepção e cuidado pelo enfermeiro. Buscamos pensar como esse corpo é visto e sentido dentro desse cuidado. Procuramos respaldo na abordagem fenomenológica, bem como, à luz do pensamento de autores, que detiveram-se no corpo como interesse de seus estudos.

PALAVRAS CHAVE: Enfermagem; Cuidados de enfermagem; Filosofia em enfermagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entende-se que a filosofia tem muito a contribuir com a vida social do homem e particularmente com o seu fazer, com sua praxis e com seus processos de humanização da assistência à saúde: daí a importância de se discutir as situações que emergem da prática profissional utilizando a filosofia como fio condutor. Torna-se importante para o ser humano mediante seus componentes genéticos, culturais e históricos, que este seja compreendido frente a sua existência. Pensamos ser a filosofia, o caminho que possibilita essa reflexão, da mesma forma, que acreditamos ser a fenomenologia uma das possibilidades para chegarmos a ela. O cuidado do enfermeiro em torno dos aspectos do corpo do seu cliente, associados aos aspectos psicológicos e sociais ganham nesse momento maior espaço dentro das várias áreas do conhecimento. Provavelmente por se almejar um maior estreitamento nas relações junto ao ser humano, bem como junto às equipes interdisciplinares.

Assim, pretendemos desvelar através da literatura as várias nuances, expressões e dimensões, atribuídas ao corpo, realizando seu entrelaçamento à minha visão de cuidado desse corpo no contexto de enfermagem.

O CORPO COMO EXPRESSÃO

O corpo, expressão social da minha pessoa, de quem eu sou perante os outros. Lugar do desejo e do infortúnio, depositário silencioso de todas as nossas emoções, inquietudes e projetos de vida. Nesse sentido Merleau-Ponty, (1971, p.53) refere que “do mesmo modo que meu corpo, como sistema de minhas abordagens sobre o mundo, funda a unidade dos objetos que eu percebo, do mesmo modo o

corpo do outro como portador das condutas simbólicas e da conduta do verdadeiro, afasta-se da condição de um dos fenômenos, propõe-me a tarefa de uma verdadeira, comunicação e confere a meus objetos a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade.” Portanto, representa todos nós com todas as nossas ansiedades e imperfeições, com todas as nossas deficiências e possibilidades de superação.

O corpo representa a reflexividade. É o visível que se vê, um tocado que se toca, um sentido que se sente. Quem toca e quem é tocado? A experiência com o corpo segundo Merleau-Ponty é uma experiência de propagação que se repete na relação com as coisas e com os outros. O corpo possui segredos, o enigma da simultaneidade, ele vê e é vidente, toca e é tocado é visível, é sensível pelo mesmo. Ao tomar a experiência, Merleau-Ponty redescobre a unidade fundamental do mundo como mundo sensível.

Sobre o corpo e o mundo o autor coloca que o mundo está todo dentro e eu estou todo fora. A expressão o mundo está todo dentro, Merleau-Ponty (1971, p.290) se refere ao mundo humano, um mundo cheio de significados, histórico. Merleau-Ponty coloca que já nascemos com o mundo cheio de datas, um mundo que já foi interpretado pelos outros. As datas são interpretações do mundo. Então esse mundo está todo no nosso corpo, e nós estamos também fora, lá no mundo. Eu com meu corpo também invento, recrio e reinterpreto o mundo. O meu mundo também modifica esse mundo externo. O mundo não é uma categoria cosmológica da física, mas é uma categoria ontológica, só existe o mundo humano para Merleau-Ponty (1971, p.267).

Corpo e mundo são um “campo de presença” onde emergem todas as relações da vida preceptiva e do mundo sensível. Há um campo de significações sensíveis, constituídas do corpo e do mundo. (Merleau-Ponty, 1971 p.280). Um corpo também suscetível às colocações do outro, um corpo sensível, que chora, que ri, que sonha, que imagina e que viaja em sua fantasia, um corpo que tem história, herança, afeto e que necessita do abraço do outro para viver. É sobre esse corpo que tentaremos pensar juntos, contigo, caro leitor, para que possamos enriquecer essa reflexão atual, necessária e plural buscando aprofundar algumas questões que aí estão.

O corpo, instrumento de comunicação expresso em seus gestos, intenções e impulsos. Força instintiva que envolve o outro, o contexto, e se coloca como ponto de

* Docente da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFpel - Dda da PEN/UFSC. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o cotidiano em Saúde - NUPEQS - UFSC

chegada e ponto de partida das aventuras humanas. Acoradouro racional, mental, sentimental e transcendente onde tudo se dá, e onde tudo ocorre. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1971, p.256) vem afirmar que seu corpo é: “como um sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo “lugar” fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação. Meu corpo está onde há algo a ser feito”.

É nele que começa a aventura da vida, é nele que se dá o desfecho dessa mesma aventura, no fenômeno da morte. O corpo é físico, é ente, é espírito, é o que sente, é o que calcula, especula e filosofa. Na verdade esse corpo guarda em si todos esses elementos de indispensável valor.

Pensando o corpo como objeto de consumo, verificamos como tem sido espoliado de inúmeras formas, sempre no sentido de cumprimento de metas que lhes são estabelecidas, daquilo que é conveniente, muitas vezes, mais para outros do que a si mesmo. Analogicamente pensamos nas as figuras das belas loiras centradas no marketing, das vendas e propagandas de carros, cigarros e outros tantos objetos de consumo. Alimentando com sua imagem, a fantasia do ingênuo consumidor e a sua própria fantasia.

Já, através da figura do corpo dos gordinhos, suscetibiliza-se pessoas e tenta-se passar subliminarmente produtos dietéticos e emagrecedores. Observa-se também o gordo sempre como o centro de cenas hilárias. A menos valia parece ser sempre uma constante quando se trata de um indivíduo gordo.

No corpo ficam impressos os sinais de uma vida, triste ou feliz, não importa, ele se encarrega de registrar lealmente todos os seus momentos. O sofrimento é visivelmente percebido em alguém que passa momentos amargos; traduzidos pelas olheiras, sinais de insônia e outros, geralmente são formas de denunciar momentos delicados de vida. Diferentemente, as expressões de luz, riso, alegria, espontaneidade, leveza, descontração, bem-estar aparente parecem denunciar a serenidade daquele momento, de como estamos naquele momento enquanto ser humano, de quanta plenitude está presente no nosso viver, enfim provavelmente um ser humano mais adaptado com o seu cotidiano.

Obviamente, sabemos que esses momentos são voláteis e efêmeros, exatamente por sermos humanos e por isso mesmo passíveis de mudanças constantes e cíclicas. A isso Maffesoli (1988), chama de “ética do instante”, expressando que “sempre menos preocupada com o paraíso celeste ou com um porvir promissor - mas que de maneira obstinada, pretende viver, apesar de tudo, existência marcada por vicissitudes, a qual, porém, permanece atraente, não obstante tudo isso ou justamente por isso”.

Entendemos que em qualquer dos casos, nem sempre o real corresponde ao subjetivo, posso muitas vezes estar internamente triste e exteriorizar o inverso, uma outra faceta de mim, assim atuam muitas vezes os artistas com suas máscaras. Mas também somos artistas fora do palco. E sobre

a máscara Maffesoli (1988), coloca como um recurso necessário no nosso cotidiano, onde constantemente se utiliza a máscara para granjearmos uma melhor relação com a realidade e com o outro, assim adequando-nos a esta realidade.

Na cultura ocidental, o corpo parece ser utilizado como meio de vida, comércio, profissão e outros, enquanto mantiver o viço e a energia da vida física, assim correspondendo a expectativa dos compradores dos seus serviços. Estes corpos são mitos e deuses em vida e mártires quando sucumbem. Entretanto, quando a experiência da vida já se faz sentir em suas entranhas e no seu físico, então estes corpos serão descartados numa visão bem ocidental e capitalista daquilo que serve, que é útil que produz e deslumbra. A experiência tem nos mostrado, que mesmo no momento de cuidar alguém percebe-se a maior aderência por um ser mais jovem, a figura do idoso parece requerer mais dependência, mais empenho. Também sabemos que as vagas para aqueles de corpos mais envelhecidos são mais raras, por também serem mais caras e menor sua expectativa de cura. Sem falarmos nas pessoas idosas e diabéticas tidas como as mais caras dentro dos custos das hospitalizações.

Paralelamente, lembramos a trajetória de um “craque” de futebol desde um Mané Garrincha até um Pelé, aquele que teve a sabedoria de saber neste contexto, preservar o seu reinado. Penso esses corpos como entidades efêmeras que são os melhores enquanto jovens viçosos e produtivos hoje, amanhã recordados, esquecidos, heróicos ou derrotados. Que visão de mundo teriam esses corpos? E que sentimentos se passam neles em seus momentos de glória e pós-glória? Será que somente o saudosismo do ontem, preenche a realidade do hoje? Será que existe algo, mais algo metafísico nesta vida de emoções?

E se nos voltarmos para os corpos das misses tão belas e deslumbrantes enquanto hoje, momento presente. E as adolescentes do turismo sexual tão em voga no Brasil, entendendo que seu passaporte é só e unicamente a beleza que seu corpo expressa. Não seria diferente para aquelas mulheres que também vivem do seu corpo apesar de já não estarem nos anos dourados de sua existência. É, mas, o nosso poeta Vinícius bem falou! “que as feias me desculpem mas a beleza é fundamental”.

E o corpo dos feios como será.... como se dá neles o enfrentamento do mundo? Certa vez escutei a Zezé Macedo falar, que a melhor coisa que já aconteceu para ela foi ter nascido feia, “sou a atriz mais feia do Brasil e com muito gosto,” expressa-se ela.

Por outro lado, temos também a moda, responsável incondicional pelo comportamento de massa, se tornando um ritual presenciado em todos os centros de beleza e muitos outros locais da sociedade. Como acontece nas academias de ginástica, onde o corpo recebe uma meta que deve ser cumprida em tempo determinado para assim ser mais belo que antes. Atualmente, esse fato independe de gênero. Muitos

são os homens hoje preocupados com o seu visual estético. Na verdade, penso se administrado com tranquilidade, sem exageros, é benéfico ao indivíduo. Por outro lado, em qualquer aquisição de empregos a aparência também conta.

A corrida para as cirurgias plásticas, tratamentos estéticos para embelezamento físico, chegam ao extremo modificam-se traços físicos naturais buscando a juventude.

E agora, pensei no corpo das pessoas que possuem uma deficiência física natural ou por consequência de acidentes, por isso são chamadas de deficientes físicos. E aí, será que essas pessoas têm uma forma diferente de ver o mundo? Ou será que se assemelham a visão das outras pessoas ditas “normais”?

Lembrei-me da massagista cega que conheci e naquele momento em que recebia sua massagem, refletia como se passava na sua cabeça, o fato de, enquanto embelezava o corpo do outro, desconhecia visualmente o seu próprio corpo. E como fica a questão estética desse ser? Interessante é ouvi-la enquanto sugere, prescreve e anima seu cliente durante o tratamento. Quanto profissionalismo naquele toque, reconhecendo músculos e fibras ao mesmo tempo em que comenta a evolução que está conseguindo em cada cliente; Até que ponto sua visão era realmente encarada como uma deficiência, na medida em que relata que percorre por toda a cidade a pé, de ônibus ou de táxi, e demonstra alegria por sua independência em morar sozinha e em função disso gozar de plena liberdade; gosta de música, leituras em braile e ainda faz sua própria comida. Esse ser humano me fez pensar que somos nós que estabelecemos o limite do nosso vó e que o diferente pode ser tão adaptado, quanto os comuns e que tudo depende de como me proponho a ver.

Também penso no corpo de outro tipo de deficiente físico, daquele que quer se locomover e não consegue, incapacidade física, como será que esse ser vê o mundo que o rodeia? Que seria a felicidade para ele? Como vê ele sua deficiência? Lembrei-me do filme “Meu pé esquerdo” quanto esforço para dizer que era capaz.

Me volto agora para pensar o corpo enquanto elemento do meu cuidado, aquele do paciente que anseia por compreensão, reparo, adaptação, zelo ético, respeito, descrição, enfim, que anseia ser cuidado como um ser humano, com dignidade e cidadania. Como se dá a minha relação com esse corpo que carece de cuidado?

Watson (1997), coloca que o cuidado de saúde pode ser expresso por rituais, que não são apenas gestos, mas um sistema simbólico que tem validade compartilhada. Penso sobre a validade compartilhada, que se estabelece no cuidado, como uma via de mão dupla, um contrato, com direitos e deveres de ambos, enfermeiro e àquele que recebe o cuidado. E penso que nesse ritual de intenções, gestos e formas estão implícitos os aspectos culturais desse ser humano, dono do corpo que estou cuidando.

Nossa interação será mais efetiva se buscarmos compreender o que se passa com esse ser, e quando falo compreender não relaciono a um modo de conhecimento, mas à capacidade e ao esforço que devemos buscar para transportar-nos para a posição do outro, tentando assim, um processo empático. Pensando no outro, como se tivesse pensando em mim.

Exatamente por sermos dois, nesse sistema de cuidado também pode haver discordância e por isso Leininger (1971, 1991). afirma haver dois sistemas de cuidados à saúde: O popular (genérico ou folk) e o profissional (ou oficial). Estes sistemas têm seus valores e práticas próprias e pode ocorrer discordância entre eles em algumas sociedades.

Penso como vital, a troca no cuidado prestado, percebo essa relação como bilateral, se eu participo do cuidado do seu corpo, você deve e pode sugerir formas para que esse cuidado, seja o resultado de uma negociação entre o enfermeiro e a pessoa àquele que recebe, a quem é dirigida a ação. Assim, Leininger (1978) coloca que o enfermeiro é o representante do sistema profissional de saúde, que necessita compartilhar os significados dos rituais do cuidado e para isso o conhecimento do cuidado cultural é necessário para o desenvolvimento da prática assistencial de enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo como expressão da existência, contém todas as particularidades que o permeia, seja o corpo sadio, seja o corpo doente. Penso ser de grande valia a reflexão desses aspectos pelo profissional de saúde, que constantemente necessita atender a seres que anseiam pelos seus cuidados. Pensar o corpo do outro, como se fosse o seu próprio corpo. Pensar uma forma mais compreensiva de atender esses corpos onde haja possibilidade de participação dos mesmos, enquanto sujeitos no processo do cuidado de enfermagem. Penso que no ensino possibilitaremos a oportunidade para que se reflita com os alunos que corpo é esse que cuidamos. Que cuidados devemos ter com ele uma vez que é singular, histórico e humano. E como estamos cuidando do nosso próprio corpo enquanto profissionais da saúde que cuida de outros corpos. Será que estamos refletindo nas trocas que estão emergindo entre o meu corpo e o corpo do outro.

ABSTRACT: This article aims to think about the body as it is perceived and cared by a nurse. We reflected upon the ways this body is seen and felt in such context. We searched for support in the phenomenological approach as well as on the views of authors who made out the body as focus of interest for their studies.

KEY WORDS: Nursing; Nursing care; Philosophy nursing.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LEININGER, M., **Transcultural nursing**: concepts, theories and practices. New York: John Wiley, 1978.
2. MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
3. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
4. O Primado da percepção e suas consequências filosóficas. São Paulo: Papirus, 1990.
5. SILVA, Rose M. C. R. A. Et al. Relação enfermeiro - deficiente visual à luz da concepção de espaço e tempo em Merleau-Ponty. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro: v.4, n.1, p. 51-58, maio, 1996.
6. WATSON, J. Nursing - **The philosophy and science of caring**. Boston: Little Brown. 1979.

SUGESTÕES DE LEITURA

1. MEDINA, João P. **O brasileiro e o seu corpo**; educação política do corpo. Campinas: Papirus, 1987.
2. POLAK, Ymiracy N.S. **A Corporeidade como resgate do humano na enfermagem**. Florianópolis, 1996: (Tese de Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina
3. O Corpo como um em si, como objeto do saber e do fazer da enfermagem. **Anais**. do ENFETEC. São Paulo: 1994. p. 547-555.
4. A relação do homem com o mundo mediatizado pelo corpo. 1993. Digitado.
5. PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 291-326
6. RODRIGUES José C. **O tabu do corpo**. 2ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1875.
7. SCHILDER, Paul **A imagem do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
8. PAKOW, Roland, WEIL, Pierre. **O Corpo fala**: A linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

Endereço da autora:
Rua Uruguai, 1251 / 403 - Centro
96030-010 - Pelotas - RS
Telefone: (0532) 259216
E-mail: glória@conesul.com.br